

ANÁLISE DO SADOWASOQUISMO ERÓTICO EXISTENTE NO MANGÁ *MY BELOVED SADIST*

Mário Jorge de Paiva¹

Resumo: O presente artigo busca analisar o mangá *My beloved sadist* pelo prisma do conceito de sadomasoquismo. Nossa investigação é qualitativa e tem aporte teórico amplo, que se utiliza de autores como Eliane Robert Moraes, Jorge Leite Jr., Regina Facchini, Camilo Braz etc. Concluiu-se que, das possíveis abordagens, *My beloved sadist* optou por explorar o desejo sexual dentro do universo do “são, seguro e consensual” e do Sadomasoquismo Erótico, com fortes elementos distanciadores em relação ao próprio Marquês de Sade e aos quadros psicopatológicos.

Palavras-chave: Sadomasoquismo; BDSM; BL; Mangá; Erotismo.

Abstract: This article aims to analyze the *manga My beloved sadist* through the prism of sadomasochism. This is a qualitative research conducted with a broad and diverse theoretical contribution, including authors such as Eliane Robert Moraes, Jorge Leite Jr., Regina Facchini, and Camilo Braz. The analysis reveals that, among all possible approaches to sexual desire, *My beloved sadist* explores it within sexual masochism, with strong distancing elements in relation to Marquis de Sade and psychopathological aspects.

Keywords: Sadomasochism; BDSM; BL; Manga; Eroticism.



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição - Não Comercial 4.0 Internacional.

1 Doutor, PUC-Rio, Brasil. E-mail: mariojpaiva91@gmail.com. Orcid: 0000-0001-7158-4371.

Introdução

Como podemos ver em Sandra Lapeiz e Eliane Moraes (1984), ou em Sarane Alexandrian (1993!), a existência do pornográfico e do erótico é anciã². Mesmo com mudanças históricas implicando em períodos de maior ou menor liberdade (ALEXANDRIAN, 1993)³, acompanhamos uma grande capilaridade do tema nos campos artísticos, envolvendo hoje cinema⁴, animações⁵, literatura⁶, jogos eletrônicos etc. Assim, a pornografia e o erotismo abarcam diversos gostos e públicos em uma incrível variância, abrangendo até mesmo a habilidade de parodiar outros gêneros (LEITE JR., 2014), com materiais considerados desde bastante “leves” até a estética do grotesco, do bizarro (LEITE JR., 2009).

Como elemento histórico, entendemos que há valor sociológico em observar a inter-relação entre o local, o tempo e suas formas de erótico/pornográfico. Nesses termos, e seguindo Michel Foucault (2010, p. 359)⁷, o presente trabalho aborda um tipo de erotismo e pornografia que envolve o conceito de sadomasoquismo.

A história do conceito de sadomasoquismo é rica. Por isso, não é nosso objetivo esgotar o tema, mas realizar um recorte e tratá-lo a partir de uma abordagem qualitativa e interpretativa. Do cruzamento entre o material específico pesquisado e nosso aporte teórico, traçaremos desenvolvimentos e conclusões. O foco será a análise de um mangá⁸, ou seja, uma história em quadrinho⁹, que tem um enredo sadomasoquista. A obra é nomeada

2 Na Grécia Antiga, encontramos material abundante de literatura erótica sobre principalmente a prostituição, envolvendo as chamadas *cortesãs gregas*, que terminaram por inspirar homens como Demóstenes, Aristipo e Diógenes, entre outros (LAPEIZ; MORAES, 1984, p. 18).

3 Como nos lembra Alexandrian (1993, p. 11), a literatura erótica entre gregos e romanos da Antiguidade era expressa abertamente. Os gregos, assim, abriram certos caminhos com elementos de suas tradições dionísicas, celebrando o culto do falo com hinos licenciosos (ALEXANDRIAN, 1993, p. 11).

4 A jornada até as representações sexuais existentes no cinema moderno foi longa e é tratada por Rodrigo Gerace (2015), que mostra como mesmo que o cinema seja um meio artístico muito mais recente, possui enorme riqueza cultural no aspecto das representações sobre a sexualidade e o sexo.

5 É interessante comentar como Gerace (2015, p. 69) aponta, por exemplo, que a primeira animação erótica, possivelmente, foi *Eveready Harton in buried treasure*, produção americana de 1929.

6 Aqui vale apontar, inclusive, as fanfics e os sites de contos adultos.

7 Autor que propõe, por exemplo, que o sadismo não pode ser visto como um elemento atemporal, mas sim como um acontecimento cultural maciço do fim do século XVIII.

8 Em termos genéricos, uma forma de quadrinhos orientais, com algumas diferenças em relação ao padrão americano, como iremos tratar.

9 Do ponto de vista sociológico, também é interessante notar que tal tipo de arte, o quadrinho, é pouco abordado, o que foi observado por Bourdieu (2006, p. 84), que o considera uma forma de arte média, junto da ficção científica e dos romances policiais. Assim, são *formas culturais ainda em vias de legitimação, que podem ser desdenhadas ou ridicularizadas por detentores de maior capital escolar*, mas que oferecem um refúgio para alguns. Em outros termos: para certos setores, os quadrinhos são algo “menor”.

Ai subeki sadist, também conhecida como *My beloved sadist*¹⁰, escrita por Hakoishi Tammy. Por que a escolha de tal história? Pois ela ilustra, de forma didática, um dos tipos ideais possíveis do sadomasoquismo, como veremos no decorrer do artigo.

Este texto se divide em quatro partes. Após a presente introdução, em “História e tipos ideais de Sadomasoquismo” traçamos uma breve história do conceito, dando ênfase aos pais do campo, ou seja, ao Marquês de Sade (1740-1814) e Leopold von Sacher-Masoch (1836-1895), em suas diferentes interpretações históricas, seguida pela segunda sessão, “Análise de caso: o mangá *My beloved sadista*”, e fechamos o artigo com a conclusão, que relembra e junta alguns pontos do material apresentado.

História e tipos ideais de sadomasoquismo

O termo sadomasoquismo envolve a soma de duas categorias psiquiátricas e psicanalíticas: o sadismo e o masoquismo. Contudo, antes mesmo do surgimento desses conceitos no campo psi, as obras do Marquês de Sade e de Leopold von Sacher-Masoch – dois autores bem diferentes entre si, como demonstra Deleuze (2009) – já introduziam essas noções.

Sade foi um escritor do século XVIII-XIX que passou grande parte de sua vida preso. Seus maiores trabalhos literários surgiram exatamente de seus anos na prisão, o que motivou Eliane Robert Moraes (2015, p. 109) a perceber como, para muitos comentadores, tal literatura foi produzida *na e pela* prisão.

As obras do aristocrata francês são vastas, porém um dos pontos mais marcantes envolve a crueldade sexual de suas personagens (SADE, 2005). Seguindo uma definição de natureza indiferente ao humano, Sade se justifica em seu pensamento libertino, blasfemo e cruel¹¹.

O desejo em Sade, pelo menos no que tange aos textos mais lidos, envolve violência e ela não é consensual. Como aborda Jorge Leite Jr.

10 Tal história foi lançada pela editora Daria Comics em 2007 e ainda não possuiu, até onde sabemos, versão em português.

11 Sade vê a desigualdade como lei da natureza (MORAES, 2015, p. 122). Logo, a destruição é lida como um princípio da natureza, porque o sacrificador, independente do que aniquile, não cometeria maior crueldade do que o proprietário de uma granja que mata um porco. Um familiar ou um amigo não é, aos olhos da natureza, mais caro ou precioso que um verme (MORAES, 2015, p. 123). Nessa leitura, ao equiparar criação e destruição, Sade eleva o mal ao lugar do bem (MORAES, 2015, p. 125).

(2000, p. 108), é necessária a presença de escravos feridos e angustiados, já que em dados momentos é **a dor do escravo que faz valer o gozo**. Os libertinos¹², enquanto **carrascos**, precisam de vítimas e essas não devem assumir uma postura ativa (LEITE JR., 2000, p. 109)¹³.

Em tal concepção já é possível observar uma diferença dos personagens de Sade em relação ao universo de Sacher-Masoch, autor mais conhecido pela sua obra, de 1870, *Vênus de peles* (SACHER-MASOCH, 2015), pois como lembra Leite Jr. (2000, p. 115), se Sade está interessado em vítimas e seu foco são os *senhores*, o foco masoquista são os servos, os escravos. O homem que quer sentir essa dor consensual e ser submisso a dominadora. Há aqui limite para a dor, já que o erotismo de *Vênus de peles* reside nesse jogo com o limite e são as vítimas que criam o carrasco (LEITE JR., 2000).

Enquanto Sade foi um aristocrata francês que viveu o Antigo Regime, a Revolução Francesa e seus desdobramentos, Sacher-Masoch foi um escritor e professor, como explica Leite Jr. (2000, p. 27), que viveu em uma região fronteira de vários povos e culturas, algo que influenciou sua escrita, envolvendo os costumes eslavos, russos, alemães e judeus.

Como em Sade, a vida é repleta de lendas e exageros (LEITE JR., 2000, p. 27). Mas um dos elementos vitais da obra masoquista é a mulher forte, senhora de si, que controla um homem e, talvez, toda uma comunidade (LEITE JR., 2000).

Vênus de peles não foge ao padrão de apresentar uma mulher poderosa, que deve controlar a vida de um homem que deseja ser **escravizado**, controlado. Severin quer Wanda enquanto sua dominadora e deve torná-la tal figura, arrastando a parceira para seu universo de desejos eróticos.

Cinco anos antes de seu falecimento, Sacher-Masoch viu, sem felicidade, seu nome passar a descrever uma psicopatologia. Era o auge da caçada psiquiátrica aos perversos, marcada também pela nomeação, promovida pelo doutor Richard von Krafft-Ebing (1840-1902), da Universidade de Viena, de uma variante da algolagnia – prazer na dor física – como **masoquismo** (LEITE JR., 2000, p. 29).

12 Cf. Eliane Robert Moraes (1992) e Clara Castro (2015).

13 Leite Jr. (2000, p. 111) lembra como Sade constrói personagens libertinos que desejam estar certos de que seus crimes vão arrancar lágrimas; eles mandariam embora uma moça que se entregasse voluntariamente.

Se Sade foi extravagante e polêmico em seus escritos, o não agrado de Sacher-Masoch com o médico da Universidade de Viena envolve o fato, comentado por Alexandrian (1993, p. 264), de que *Vênus das peles* não era um livro escandaloso, parecendo expressar mais uma extravagância do que uma volúpia ilícita. Assim o objetivo de Sacher-Masoch não envolvia ser polêmico, provocador, em um erotismo sem os elementos obscenos apresentados em Sade. Deleuze (2009) também segue tal caminho analítico.

Não nos cabe realizar, no presente artigo, uma discussão aprofundada sobre as diferentes apropriações das obras de Sade e Sacher-Masoch pelos campos psi, mas é válido apontar como importantes e diferentes nomes discutiram essas questões, a exemplo do já citado Krafft-Ebing, com o seu *Psychopathia sexualis*, de 1886, passando por Sigmund Freud (LEITE JR., 2000), até chegarmos, por exemplo, em Jacques Lacan (RIAVIZ, 2000).

Também é importante apontar como isso já demonstra a passagem de um tipo ideal para outro (PAIVA, 2019). É a passagem das leituras dos originais de Sade e Sacher-Masoch para suas leituras clínicas que, mesmo sem incorporarem completamente os personagens de ambos os escritores, como mostra Leite Jr (2000), tratam de traços de Sade ou Sacher-Masoch tendo em vista não um cânone filosófico ou literário, mas casos clínicos reais que se aproximam ora mais, ora menos de Sade ou Sacher-Masoch.

É no século XX que emerge muitos comentários sobre Sade, como aponta Donald Thomas (1992, p. 260), e ocorre um novo deslocamento de tipo ideal. Se durante esse período os termos sadismo e masoquismo, e por consequência o sadomasoquismo, foram apropriados pelos psiquiatras e psicanalistas, o século XX os fez ressurgir com novas leituras (PAIVA, 2019)¹⁴.

Foram muitos os artistas e pensadores que se interessaram por Sade, com maior destaque para Pier Pasolini¹⁵, Simone de Beauvoir (MATTOS, 2012), Pierre Klossowski (1991), Georges Bataille (2013, 2018), Michel Foucault e mesmo, para pensar um caso mais recente, Giorgio Agamben (2007), além dos surrealistas (RIAVIZ, 2000).

14 Mesmo que Sade passe a ser visto como uma fonte ampla de inspiração artística ao tratar da sexualidade, as leituras clínicas continuam a existir e até hoje, mesmo que com mudanças, termos como sadismo e masoquismo constam em grandes manuais clínicos.

15 Exemplo disso é o filme *Salò ou os 120 Dias de Sodoma*, de 1975.

A própria trajetória do sadomasoquismo no século XX é vasta e aqui não estamos buscando uma leitura unívoca. Como é apontado por Phillips (2005, p. 118), dependendo da análise, surge um Sade surrealista, marxista, existencialista e até um Sade pós-moderno.

Houve um esforço por parte intelectuais, artistas, praticantes etc. de separar o doentio do saudável. Exemplo disso está no trabalho de uma importante escritora do sadomasoquismo erótico, pioneira no Brasil, Wilma Azevedo, que se empenha em separar suas categorias de sadomasoquismo **erótico** do sadomasoquismo **patológico** (AZEVEDO, 1998).

O traço frisado por Facchini e Machado (2013) é que os praticantes do sadomasoquismo descrito como erótico por Azevedo (1998) repudiam uma pura agressão. Há contornos delimitados entre suas práticas eróticas e uma adesão ao conjunto de regras sobre sanidade, segurança e consensualidade (FACCHINI; MACHADO, 2013, p. 199)¹⁶.

Ao descrever uma cena de *fist-fucking*, Camilo Braz (2010) por exemplo narra que a pessoa é preparada, seu ânus é lentamente dilatado, lubrificado e tratado higienicamente – isto tem pouco a ver com as cenas de dor e controle descritas por Sade (PAIVA, 2019). Vários textos apontam para esse quadro de dor controlada no universo sadomasoquista erótico atual (AZEVEDO, 1998; FACCHINI; MACHADO, 2013; GADELHA, 2016; LEITE JR., 2000; MACHADO, 2017; MATTOSO, 2006; MELO, 2010).

A franquia erótica de *best-sellers 50 tons de cinza* (JAMES, 2011) faz parte da ampliação da aceitação do sadomasoquismo¹⁷, tendo de algum modo escalonado o alcance do tema graças aos números de vendas. Ainda assim, o livro pode ser encarado como uma obra conservadora^{18,19}, basta, por exemplo, compararmos tal texto com Glauco Mattoso (2006), que se excitava com pés sujos, pensamentos incestuosos etc.

16 Não podemos tratar essas regras como inalteráveis e totalmente rígidas, há espaços para testes e limites, como aponta Gadelha (2016, p. 80). Mas no geral essas práticas estão bem distantes do universo erótico de Sade, havendo maior similaridade com o corpo literário descrito por Sacher-Masoch.

17 Foi nos anos 1970 e 1980 que ocorreu uma ampliação da visibilidade de grupos do sadomasoquismo “são, seguro e consensual” graças ao diálogo com certos movimentos contraculturais (LEITE JR., 2000, p. 51).

18 O Senhor Grey não possui a filosofia libertina, o desejo do total controle sobre o corpo alheio, a heresia, a paixão pelo crime etc. Ele quer decidir e travar, com a outra parte da relação, um acordo, um contrato, mesmo que o papel não tenha uma validade legal reconhecida.

19 O conservadorismo aqui, deixemos claro, refere-se a uma disposição, sendo mais uma topografia social do que um conteúdo rígido. Em outros termos, o conservador é conservador em relação ao outro. Nesse sentido, essas posições formam um *continuum* do mais progressista ou radical até os mais conservadores.

Com base no aporte teórico brevemente descrito, vimos que há três tipos ideais diferentes de sadomasoquismo: o primeiro relacionado diretamente com os trabalhos e as ideias de seus fundadores; o segundo que envolveu as leituras psiquiátricas e psicanalíticas; e o terceiro tipo emerge do século XX em diante, com o aumento de comentários sobre o sadomasoquismo que tentam caracterizá-lo, de diferentes formas, como um elemento cultural legítimo, separando o sadomasoquismo erótico de suas formas criminosas, patológicas; é nessa terceira definição que se enquadra a obra *50 tons de cinza*, tal como o mangá *My beloved sadist*, como veremos.

Análise de caso: o mangá *My beloved sadist*

O mangá, ou simplesmente quadrinho, é um forte expoente do mercado japonês de entretenimento junto às animações, ou *animes* (WINTERSTEIN, 2009, p. 11). Em termos de origem (uma questão sempre complexa e que não é objeto da presente investigação), tais desenhos remetem a ilustrações livres do século XII, como os trabalhos em pergaminho animal do monge budista Toba Sōjō (1053-1140), por exemplo. A Figura 1 ilustra tal tipo de apresentação estética.

Figura 1: Ilustração de Toba Sōjō



Fonte: Mendes (2006, p. 45).

Vale dizer, entretanto, que apenas no começo do século XX vemos surgir uma relação direta entre esses desenhos livres e histórias em quadrinhos propriamente ditas. Em tais termos, *A viagem a Tokyo de Tagosaku e Mokube*, de Rakuten Kitazawa (1876-1955), é pioneiro, sendo tal artista considerado o primeiro criador de mangás profissional (ANADÓN, 2015). A **Figura 2** apresenta uma obra de Kitazawa.

Figura 2: Ilustração de Rakuten Kitazawa

Fonte: Anadón (2015).

As obras de Osamu Tezuka (1928-1989) também são especialmente importantes em nosso imaginário coletivo do que é o mangá²⁰, inclusive por seus desenhos de grandes olhos expressivos²¹. Tezuka foi o criador de histórias como *Ribon no Kishi*, *A Princesa e o Cavaleiro* e *Tetsuwan Atomu*, *Astroboy*.

É comum que tais histórias – mangás – tenham começo, meio e fim, enquanto nos quadrinhos norte-americanos há personagens publicados por décadas sem um desfecho, com exceção de certos arcos de personagem cujas histórias são contínuas ao longo dos números (WINTERSTEIN, 2009, p. 12). Outra diferença: enquanto nos Estados Unidos existem grandes empresas que contratam ilustradores, roteiristas e toda uma equipe que é alterada dependendo de fatores como a vendagem das revistas, no Japão, os *mangakás* (artistas que trabalham com o mangá) não trabalham diretamente para editoras, possuindo seus próprios estúdios de criação e maior controle sobre o material, que então é vendido para certas editoras, caso haja interesse (WINTERSTEIN, 2009, p. 14).

Há muitos seguimentos de público que consomem os mangás, inclusive aqueles que se interessam por histórias de cunho homoerótico, como as que compõem as categorias *Boys' Love* (BL) e *Yaoi*. A obra *My beloved sadist* pertence a tal universo editorial.

20 Mendes (2006), por exemplo, trata do tópico, mesmo que de modo breve.

21 Há outros elementos típicos do desenho dos mangás, como o nariz pontiagudo e triangular, que mesmo não sendo regra, estão presentes na maioria.

Aprofundemos uma definição de BL e Yaoi a partir do trabalho de Zsila et al. (2018), que explicam que esses termos são guarda-chuvas que se referem às mídias comerciais ou feitas por fãs que retratam relações românticas ou eróticas entre homens. Tal mercado é expressivo e envolveu um lucro de aproximadamente 24,5 milhões de dólares em 2010 (ZSILA et al., 2018, p. 1).

Foi no curso dos anos 1990 que o Yaoi se espalhou mais para outras partes do mundo, através da internet. Enquanto isso, o conceito de *bōizu rabu*, um derivado do termo produzido do inglês *boys' love*, foi sendo adotado por certas publicações japonesas, tal como se começou a usar o rótulo BL. O termo novo japonês terminou não se difundindo muito nos Estados Unidos porque “amor de garotos” parecia remeter a uma sugestão de pedofilia em inglês (ZSILA et al., 2018, p. 2). Assim, muitos leitores e pessoas que trabalhavam com tal mercado, de um modo geral, preferiram continuar com a designação Yaoi.

De todo modo, ambos os conceitos são usados por fãs intercaladamente, havendo também uma série de subgêneros. Esses gêneros e subgêneros nunca foram claramente definidos, logo, BL e Yaoi parecem ser rótulos mais úteis no sentido de que abarcam várias categorias ao mesmo tempo (ZSILA et al., 2018, p. 2).

Apesar do interesse do público-alvo pelo Yaoi, há questões variações culturais e mesmo legais que impactam a disseminação desse gênero, pois como explicam Zsila et al. (2018), não são todos os países em que a leitura de BL é permitida livremente: Indonésia, Taiwan e China, por exemplo, têm sanções para esse tipo de material.

Entre alguns dos motivos que levam o público a ler Yaoi e BL estão a rejeição ou resistência contra o conservadorismo patriarcal e suas normas de gênero/sexo, uma defesa dos direitos da comunidade gay ou desfrutar de narrativas que evitam os clichês dos estereótipos femininos (ZSILA et al., 2018, p. 3).

Dentro do universo BL e Yaoi, contudo, há certos clichês de gênero também, vale dizer. Um exemplo significativo é que tais histórias geralmente envolvem uma relação entre um *seme*, ativo, e um *uke*, passivo. Nessas narrativas, os desníveis de poder existentes mesmo em relações masculinas ficam evidentes, assim como certos *seme* chegam a demonstrar características bastante violentas, como é o caso do mangá *Yatamoto* (HARADA, 2016, 2018a, 2018b), também de cunho sadomasoquista.

Mesmo em *mangás* sem temática sadomasoquista, podemos encontrar características agressivas no *seme*, que é apresentado em várias histórias como ciumento, difícil de lidar, esnobe, controlador etc. Para além disso, o *seme*, para marcar seu papel de ativo, é geralmente mais alto/forte que o *uke*, além de ter

melhores condições materiais²² e ser dotado de traços, no desenho, considerados mais masculinos. Enquanto isso, o *uke* é geralmente mais jovem, inseguro, possivelmente impulsivo e com pouco conhecimento sexual.

My beloved sadist é um mangá composto de seis capítulos que trata do relacionamento amoroso entre as personagens Jun e Fumi-Taka. Fumi-Taka é o *seme*, sendo mais velho, confiante, simpático e possuindo também um trabalho mais rentável²³, e Jun é um estudante universitário que trabalha como barman em um pequeno estabelecimento comercial e faz alguns shows de cunho sado-masoquista, quando lhe é solicitado, no mesmo bar²⁴.

A Figura 3 mostra uma capa do mangá. Notemos o elemento das roupas e da coleira/corrente e como o *seme* sorri enquanto o *uke* possui uma expressão indefinida. O *seme* é retratado por cima do *uke*, como se realizasse um movimento de aproximação. Mesmo que haja diferença etária entre os personagens, o desenho pouco revela sobre isso, sendo também interessante pensar como eles possuem praticamente a mesma altura. Ou seja, tal mangá não foca tanto a diferença física entre o par, muito mais presente em *Yatamomo*, por exemplo.

Figura 3: Capa da obra *My beloved sadist*



Fonte: Nautiljon (2017).

22 Isso pode se expressar em um tipo diferente de vestuário, em carros caros etc.

23 Algo que é pouco explorado, sendo apenas um elemento para o pano de fundo.

24 Mesmo a personagem sendo barman, também é interessante notar, para demonstrar outro elemento de sua inexperiência dentro da narrativa, que ele não está acostumado a beber, ficando rapidamente bêbado.

Fumi-Taka é assumidamente sadomasoquista e se interessa por tal jovem ao assistir uma apresentação sua, convidando-o para ir à sua casa com intenções sexuais. O mais jovem aceita, mas revela, neste primeiro encontro, que não possui reais práticas no universo sadomasoquista para além de seu trabalho no bar, sendo mais sexualmente inseguro.

É interessante notar que Fumi-Taka é masoquista e quer que Jun seja o sádico da relação. Aqui estamos vendo, exemplificado, como o escravo masoquista deve treinar seu senhor, fazendo-o aceitar seu papel, além de ajudá-lo no exercício de tal posição, que não é necessariamente fácil²⁵.

Depois da primeira noite de sexo, o *uke* pede para o *seme* não mais ir ao bar, sinal de suas inseguranças, afinal ele realmente se interessou pelo par. Porém, não é isso que acontece, e Fumi-Taka aparece no trabalho do mais jovem para devolver sua carteira de estudante, que havia ficado em sua casa.

Depois de certa reticência, o *seme* consegue convencer o *uke* a ir com ele a um encontro, em um jardim zoológico. Certas dúvidas e questionamentos do *uke* são elementos normais também nesse tipo de narrativa, e tal encontro é um momento para eles conversarem mais, se conhecerem melhor, pois até aqui eles são basicamente dois desconhecidos que fizeram sexo casual em uma noite. Depois do encontro, eles voltam para a casa do *seme* e voltam a praticar sexo²⁶.

Nessas tramas de mangás homoeróticos, um recurso narrativo comum é o surgimento de outra personagem que funciona como obstáculo para o casal. Se pensarmos em *Yatamomo*, tal obstáculo era um ex-namorado de Momo, chamado Suda, desagradável e violento. Em *My beloved sadist* acontece algo similar, pois surge o irmão mais velho do barman, desagradável/agressivo, para importuná-lo. Tal irmão não é biológico e faz papel também de um ex-namorado, pois eles tiveram um passado de relações sexuais juntos.

Enquanto uma história curta, a superação do obstáculo não demora muito, e ocorre quando Fumi-Taka, mais uma vez apresentando o elemento de maior experiência de *seme*, ajuda os irmãos na reconciliação. As feridas do passado não se resolvem todas de uma hora para outra, mas este momento marca a superação do problema para que eles cheguem então ao

25 Aqui pensamos em Sacher-Masoch (2015) novamente.

26 Essas cenas dão à história esse caráter pornográfico também no sentido de que há trama, mas como vemos, há ao longo da obra um retorno às cenas de sexo explícito, com elementos sadomasoquistas.

final feliz. Há uma declaração de amor do *seme*, que vai ao bar para a confissão de joelhos e dá um buquê de flores ao seu par, em um momento que beira um pedido de casamento. O *uke* que no começo da trama aparecia retraído, apático, parece feliz e está expressivo.

Aqui podemos ver alguns elementos de uma estética conservadora, mesmo sendo uma história com elementos sadomasoquistas, homossexuais e pornográficos, no sentido de que há todo um reforço da ideia de amor romântico. Comparativamente, tal obra está longe da radicalidade de Sade (2006), Bataille (2018) e mesmo de Mattoso (2006). É totalmente avessa à concepção sadiana, afinal, possui todos esses elementos de consensualidade e de amor entre ambos.

Uma história por ser homossexual e sadomasoquista não é por isso psicopatológica ou obscena. A homossexualidade já saiu dos quadros clínicos há muito tempo, e acreditar que o homossexual é obsceno²⁷ ou doente por ser homossexual é uma análise reacionária^{28,29}.

O sadismo referenciado no título do mangá, obviamente, foge de qualquer concepção psicopatológica. O masoquismo, do referido mangá, também não apresenta elementos psicopatológicos. A dor almejada é uma dor que não destrói, mas é apenas elemento de desejo³⁰.

Em termos eróticos, ao longo dos capítulos, muitos desejos são trabalhados, mesmo que de modo breve, começando pela questão da vestimenta: Shun-kun desde a capa do mangá já aparece em trajes fetichistas (Figura 3), com roupas sensuais pretas, possivelmente de couro ou vinil, e corrente. Outro elemento clássico é a coleira ou as algemas³¹.

27 Alexandrian (1993, p. 8) escreve que tudo que é erótico é necessariamente pornográfico, apenas com alguma coisa a mais, pois a pornografia seria uma descrição pura e simples dos prazeres carnis, enquanto o erotismo é a mesma descrição revalorizada em função de uma ideia de amor ou vida social. Também há diferença entre o erótico e o obsceno, pois o primeiro é aquilo que torna a carne desejável, enquanto a obscenidade rebaixa a carne em uma associação a doença, escatologia, palavras imundas etc. A partir dessas noções, *My beloved sadist* pode ser classificado como material de conteúdo erótico e pornográfico, mas não obsceno.

28 Para uma definição do tipo ideal reacionário, os livros de João Pereira Coutinho (2014) e Mark Lilla (2018) são úteis.

29 Scruton (2016), ao tratar do sadomasoquismo, comenta como sadismo e masoquismo podem se tornar comportamentos pervertidos quando são extremados, o que não faz deles por si pervertidos. Seu impulso é uma versão estendida da mordida de amor, existindo no desejo de Sade pela dissolução algo além disso: a abolição do outro, essa é a intenção presente nas páginas de Sade (SCRUTON, 2016, p. 248149). Para o autor, portanto, o sadismo de Sade é o mais deturpado, não dizendo nada sobre o sadomasoquismo normal e muito menos sobre os elementos do desejo.

30 Como a história se foca nos problemas e nas questões do *uke* com seu irmão, pouco se explora, por exemplo, do passado do *seme*.

31 Fumi-Taka explica que quando ele coloca a coleira, se torna escravo do parceiro.

Também são abordados o sexo *bareback*³², vendagens, cisvestismo³³, inserção de objetos no canal urinário etc.

Outro elemento importante é que não há despersonalização do sexo. Mesmo com os adereços sexuais, os entes enamorados ainda são reconhecíveis um para o outro. Nesse sentido, mesmo fantasiado de coelho, podemos ver o rosto do *uke*, e a história não trabalha com, por exemplo, *gloryholes*³⁴ ou máscaras que cobrem totalmente os rostos e criam experiências de sexo impessoal em certo grau. A história, enquanto uma história de amor romântico, gira em torno da relação exclusiva desse casal.

Mencionamos tal questão do rosto e da personalidade já que tal ponto é importante em certo aspecto estético, da análise da beleza humana e do erotismo, algo que Scruton (2015) comenta. O autor, em sua análise, entende que o desejo sexual é determinado, já que o ente deseja uma pessoa específica. É um desejo pela pessoa enquanto o indivíduo que ela é, e não como um exemplo da classe em geral. Ou seja, o desejo pela pessoa X não pode ser saciado pela pessoa Y.

É interessante também notar que enquanto certos artistas apostam em um estilo de virilidade nas vestimentas – como o próprio caso de Touko Laaksonen (1920-1991) (BRAZ, 2010) –, ou mesmo mangás que seguem um estilo de arte chamado *Bara*³⁵, os personagens de *My beloved sadist* são bastante esguios e sem pelos corporais, ilustrando como o campo de histórias homoeróticas é diverso.

Conclusão

O presente artigo explorou uma questão específica dentro do universo amplo de estudos sobre o erótico e o pornográfico. Abordamos o conceito de sadomasoquismo desde o surgimento dos termos que lhe deram origem – vinculados aos escritos do Marquês de Sade (sadismo) e de Sacher-Masoch (masoquismo) – e apontamos como existiram diferenças de tipos ideais com relação ao sadismo/masoquismo no decorrer dos séculos XVIII, XIX e XX.

32 Tal termo faz referência ao sexo anal sem preservativo. Para mais detalhes, conferir Bezerra (2019).

33 Se refere ao fetiche de se fantasiar durante o sexo. Há um momento em que os personagens se fantasiam de médico e paciente, em outro o barman usa um adereço de orelhas de coelho, o que dá um elemento *furry* (fetiche por figuras animais híbridas com características antropomórficas) à narrativa.

34 Abertura redonda em uma parede para que, em muitos casos, homens coloquem seus pênis e a pessoa do outro lado os chupe etc.

35 Que aposta em desenhos de homens grandes, fortes e, muitas vezes, peludos.

A partir dessa contextualização, passamos para uma análise de *My beloved sadist*, que pertence ao nicho do mercado de mangás direcionado a histórias homoeróticas – nesse ponto, mencionando também as subdivisões internas do gênero, como o conceito de Bara nos ajudou a visualizar.

No geral, entendemos que o nicho específico em que *My beloved sadist* se situa ainda trabalha muito com um formato de relação dual, entre um *seme*, ativo, e um *uke*, passivo, na qual o ativo muitas vezes é maior fisicamente, mais velho, com uma carreira mais estabelecida e mais experiente no sexo, enquanto o *uke* é jovem, ainda em descoberta sexual, dotado de incertezas etc. Um ponto interessante de *My beloved sadist* nesse sentido é mostrar um *seme* masoquista, demonstrando que em uma relação de cunho masoquista, o escravo é quem pode estar no controle.

My beloved sadist é uma história de amor breve e que, para além de seus elementos sadomasoquistas e homoeróticos, nos parece conservadora, se comparada às narrativas de Sade (2006), Bataille (2018) e Mattoso (2006), já que termina com uma declaração de amor do dominado pelo dominante em um final bastante feliz.

Outro elemento de *My beloved sadist* é sua aposta estética na erótica personalização do desejo sexual. O *seme* ama o *uke* e apenas ele. Elementos de despersonalização sexual, como *gloryhole* ou máscaras que cobrem totalmente os rostos, não marcam presença na história, mesmo havendo espaço para fantasias, como a encenação de médico e paciente ou os adereços de coelho (que dá também um leve elemento *furry* à história, sendo este outro campo ainda pouco estudado).

Em termos estéticos, também é válido apontar como os personagens se mostram jovens, bonitos, saudáveis, esguios e depilados. Em uma apresentação que valoriza o belo³⁶, em contraponto às figuras velhas, feias, escatológicas, exageradas em seus apetites sexuais etc., existentes em certas obras de Sade, como em *120 days of Sodom* (SADE, 2005).

Acreditamos que o presente artigo alcançou o objetivo de mostrar certas diferenças e a riqueza erótica/pornográfica existente no campo que orbita os conceitos de sadomasoquismo e de BL/Yaoi.

³⁶ Em algum sentido, existe harmonia de proporções, mesmo que os traços de tal mangá não possam ser vistos como realistas.

Referências

AGAMBEN, G. **Homo sacer**: o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

ALEXANDRIAN, S. **História da literatura erótica**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ANADÓN, C. P. El primer mangaka profesional: la figura olvidada de Rakuten Kitazawa. **Ecos de asia**, Zaragoza, 14 mar. 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3owmVWx>. Acesso em: 28 dez. 2019.

AZEVEDO, W. **Sadomasoquismo sem medo**. São Paulo: Iglu, 1998.

BATAILLE, G. **O erotismo**. São Paulo: Autêntica, 2013.

BATAILLE, G. **História do olho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BEZERRA, V. P. **O sexo “na pele”**: sentidos do corpo e da pele na experiência bareback entre homens na cidade do Rio de Janeiro. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

BOURDIEU, P. **A distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2006.

BRAZ, C. A. **À meia-luz...:** uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculino. 2010. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

CASTRO, C. **Os libertinos de Sade**. São Paulo: Iluminuras, 2015.

COUTINHO, J. P. **As ideias conservadoras**. São Paulo: Três estrelas, 2014.

DELEUZE, G. **Sacher-Masoch**: o frio e o cruel. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

FACCHINI, R.; MACHADO, S. R. “Praticamos SM, repudiamos agressão”: classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 195-228, 2013.

FOUCAULT, M. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

GADELHA, J. J. B. **O sensível e o cruel**: uma aprendizagem pelas “performances” sadomasoquistas. 2016. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

GERACE, R. **Cinema explícito**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

HARADA. **Yatamomo**, Tome 1. Le Val: Boys Love, 2016.

HARADA. **Yatamomo**, Tome 2. Le Val: Boys Love, 2018a.

HARADA. **Yatamomo**, Tome 3. Le Val: Boys Love, 2018b.

JAMES, E. L. **50 tons de cinza**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

KLOSSOWSKI, P. **Sade my neighbor**. Illinois: Northwestern University Press, 1991.

LAPEIZ, S. M.; MORAES, E. R. **O que é pornografia?** São Paulo: Brasiliense, 1984.

LEITE JR., J. **Elementos para uma história do conceito de sadomasoquismo**. 2000. Relatório final de Iniciação científica (PIBIC-CNPq do Projeto “Repercussões de Sade”) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

LEITE JR., J. A pornografia bizarra em três variações: a escatologia, o sexo com cigarros e o abuso facial. *In*: BENITEZ, M. E. D.; FIGARI, C. E. **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: CEPESC; Garamond, 2009. p. 509-538.

LEITE JR., J. A pornografia é um morto-vivo? **Crítica Cultural**, Palhoça, v. 9, n. 2, p. 179-195, 2014.

LILLA, M. **A mente naufragada**. São Paulo: Record, 2018.

MACHADO, S. R. **De transtornos, tormentos e delícias**: atores, redes e disputas de sentidos em torno do sadomasoquismo no Brasil (1980-2014). 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

MATTOS, E. I. A presença de Sade na obra de Simone de Beauvoir. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 214-223, 2012.

- MATTOSO, G. **Manual do podólatra amador**. São Paulo: All Books, 2006.
- MELO, M. L. **A dor no corpo**: identidade, gênero e sociabilidade em festas BDSM no Rio de Janeiro. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- MENDES, A. L. S. **Mangá, uma nova gênese**: análise da história em quadrinhos Neon Genesis. 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2006.
- MORAES, E. R. **Marquês de Sade, um libertino no salão dos filósofos**. São Paulo: Educ, 1992.
- MORAES, E. R. **Sade, a felicidade libertina**. São Paulo: Iluminuras, 2015.
- PAIVA, M. J. Sadismo, masoquismo e sadomasoquismo: apresentação da variação conceitual/cultural existente dentro de um quadro de tipologias ideais. *In*: Congresso Dadá de Estudos de Gênero, 1., 2019, Serra Talhada. **Anais [...]**. Serra Talhada: Universidade Feral Rural de Pernambuco, 2019.
- PHILLIPS, J. **The Marquis de Sade**: a very short introduction. New York: Oxford University Press, 2005.
- RIAVIZ, E. **Sade em Lacan**: uma ética da transgressão. 2000. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.
- SACHER-MASOCH, L. von. **A Vênus das peles**. São Paulo: Hedra, 2015.
- SADE, D. A. F. **The complete Marquis de Sade**. New York: Kensington Books, 2005.
- SCRUTON, R. **Beleza**. São Paulo: É Realizações, 2015.
- SCRUTON, R. **Desejo sexual**. São Paulo: Vide, 2016.
- THOMAS, D. **Vida e obra do Marquês de Sade, o filósofo libertino**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

WINTERSTEIN, C. P. **Mangás e animes**: sociabilidade entre cosplayers e otakus. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

ZSILA, Á. *et al.* Loving the love of boys: motives for consuming yaoi media. **PLoS ONE**, San Francisco, v. 13, n. 6, p. 1-17, 2018.

Recebido em dezembro de 2020.

Aprovado em outubro de 2021.